

TITO NHARREGULA E A DISTÂNCIA ENTRE O “TER” E O “QUERER”: UMA ANÁLISE DE *CRÔNICA DA RUA 513.2*, DE JOÃO PAULO BORGES COELHO

Maurílio Alves Rocha Júnior¹

RESUMO: O presente artigo analisa o romance contemporâneo *Crônica da Rua 513.2* (2020), de João Paulo Borges Coelho, em especial, a caracterização dos rumos do período pós-independência (1975) a partir da trajetória no tempo da narrativa da personagem Tito Nharregula. Recorre à bibliografia especializada de Fernanda Gallo (2018), José Luís Cabaço (2009), Lorenzo Macagno (2009), Nazir Ahmed Can (2020), Rita Chaves (2005), entre outros, sobre o espaço ficcional romanesco a partir dos traços históricos sobre a construção política, ideológica e social de Moçambique. Infere-se que a personagem Tito Nharregula é uma caracterização da herança colonial (neocolonial) legada aos pós-1975. Aponta, em conclusão, como o romance apresenta um “microcosmo da rua 513.2” (CAN, 2020, p. 202), cujas personagens estão emaranhadas entre o presente e o passado, que inclui o fracasso do socialismo moçambicano como uma utopia de união nacional sob a nova ordem de um coletivismo (GALLO, 2018, p. 144).

Palavras-chave: Literatura. João Paulo Borges Coelho. Romance contemporâneo *Crônica da Rua 513.2*.

ABSTRACT: This article analyzes the contemporary novel *Crônica da Rua 513.2* (2020), by João Paulo Borges Coelho, in particular, the characterization of the course of the post-independence period (1975) through the performance bias of the character Tito Nharregula. Use the specialized bibliography of Nazir Can (2020), Rita Chaves (2005), Fernanda Gallo (2018), among others, on the fictional space of the novel from the historical traces on the political, ideological and social construction of Moçambique. It is inferred that the character Tito Nharregula is a characterization of the colonial (neocolonial) heritage left to the post-1975. It points out, in conclusion, how the novel

¹ Graduado em Letras- Língua Portuguesa (2018), pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus Polo Redenção (Ceará). Este presente artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Especialização em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (ILL\IEAD\CAPES) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Universidade Aberta do Brasil (UAB) como requisito parcial para obtenção do título de Especialista Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Sob orientação da Docente do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL): Profa. Dra. Sueli da Silva Saraiva

presents a “microcosm of 513.2 street” (CAN, 2020, p. 202), whose characters are entangled between the present and the past, which includes the failure of Mozambican socialism as a utopia of national union under the order of collectivism (GALLO, 2018, p. 144).

Keywords: Literature. João Paulo Borges Coelho. Contemporary Novel *Crônica da Rua 513.2*.

1. INTRODUÇÃO

Em uma entrevista concedida à pesquisadora das literaturas africanas de Língua Portuguesa Rita Chaves, no ano de 2009, o escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho argumenta sobre a construção do romance *Crônica da Rua 513.2* (2020), publicado inicialmente pela editora Caminho em 2006, (doravante *C. da R. 513.2*) descrevendo que a obra é um aporte que se aproxima muito dos resquícios da história política e social de Moçambique. Tal como o escritor Borges Coelho argumenta: “De certa maneira este é um dos meus livros mais próximos da “História” (CHAVES, 2009, p. 12).

Nesse sentido, nas literaturas africanas de Língua Portuguesa, especificamente, na Literatura Moçambicana muitos escritores depositam nas suas criações literárias enredos que se configuram a partir de uma verossimilhança dos momentos marcantes presentes na memória histórica do país.

A pesquisadora Sueli Saraiva (2013) descreve este espaço de resistência como um momento de grandes inquietações para os escritores africanos, tendo em vista que este fenômeno político e social afetou o país e a cidadania por anos e que esta história deveria estar na memória histórica moçambicana como um combate decisivo contra um sistema predador: “ (...) seus escritores, testemunhas de um tempo de profundas mudanças políticas-sociais, permaneceram atentos aos desdobramentos do pós-independência, entre eles os longos enfrentamentos bélicos” (SARAIVA, 2013, p. 17).

Como a exemplo do período colonial, um período de opressão para os povos africanos, tendo em vista que Moçambique esteve acorrentado em um sistema que assimilava todos os aspectos culturais, sociais e econômicos. Nesse sistema político-econômico-ideológico, o foco estava centrado na exploração das riquezas, no poder da metrópole e na instauração de uma cultura assimilada aos costumes eurocêntricos.

Em busca de uma sociedade igualitária e independente surge, portanto, as lutas anticoloniais. José Luís Cabaço (2009), sociólogo moçambicano, estudioso sobre a identidade nacional e das lutas armadas, define esse momento como um embate decisivo. Todos unidos em uma luta solidária contra o inimigo (colonizador) a fim de conquistar uma única utopia: erguer a independência e desterritorializar o sistema colonialista.

Rita Chaves (2005) ao analisar romances que abordam esse momento bélico (sustentando-se em pesquisas centradas neste fato histórico) descreve esse lugar como espaço de desesperança, pois nas lutas de independência, os combatentes acreditavam na luta solidária, democrática, todos unidos contra o inimigo. Entretanto na efervescência da guerra civil os ex-combatentes anticoloniais voltam-se entre si e são submetidos para um novo ideal: “A ordem é acumular e cada um há de usar o capital de que dispõe” (CHAVES, 2005, p. 103). O que gerou uma reviravolta ideológica e quebra utópica de um pensamento socialista.

Tal como acontece nas obras de João Paulo Borges Coelho, mesmo que escritor seja considerado um historiador e professor de história contemporânea na Universidade de Eduardo Mondlane (em Maputo), suas obras literárias criam um processo de interconexão com o passado histórico moçambicano. Seja como uma forma de recontar a memória histórica de luta e resistência moçambicana pelo viés da literatura, como também fazer refletir sobre os rumos políticos e sociais após a independência.

Nesse viés, a questão reflete no romance *Crônica da rua 513.2* (2020). Uma obra literária que busca recontar a história de Moçambique, especificamente, conforme João Paulo descreve: “(...) passagem do fim da era colonial para o período que se seguiu à independência.” (CHAVES, 2009, p. 12). No entanto, a história é contada a partir das vivências das personagens, seja as que estão vivas no tempo da narrativa, como também as personagens Nguluvi (no plural *Tinguluvi*), isto é, os fantasmas do passado (CAN, 2020, p. 12) presentes no seio da comunidade a que pertenceu no tempo colonial.

Sob esse paradoxo entre passado e presente, mortos e vivos, *C. da R. 513.2* faz esse recorte temporal na transição do período colonial ao pós-colonial no tempo da narrativa. Assim, o presente artigo de base qualitativa documental tem como

objetivo analisar a configuração dos rumos do período depois da independência (1975) em Moçambique pelo viés do romance contemporâneo *C. da R. 513.2* (2020), de João Paulo Borges Coelho, especialmente, a caracterização desse período a partir da trajetória da personagem Tito Nharregula, presentes nos capítulos “08. Uma pequena fogueira”, “09. Os cheiros e as cores”, “10. O comício”, “16. Lojas vazias”, “20. A grande viagem de Tito Nharregula” e o capítulo “22. Nguluvi”.

Sabendo que a obra em questão apresenta um universo de análise literária no campo interdisciplinar, tal como metaforiza a rua 513.2, na qual cada personagem tem sua realidade e a versão para tecer a história da construção política e social moçambicana, pretende-se delimitar a discussão neste artigo para as ações da personagem Tito Nharregula, um morador que vive com sua família (a esposa, Judite e os filhos) em uma casa cedida (número 07) pelo Doutor Pestana (antigo morador e colonialista).

Metodologicamente, a análise será de cunho qualitativo, com levantamentos bibliográficos e a elaboração de uma hipótese sobre a caracterização da trajetória da personagem Tito Nharregula no presente romance contemporâneo africano de língua portuguesa, que aborda a temática do sonhado e esperado pela sociedade moçambicana, que foi o período pós-independência.

Nesse interstício, para sustentar esta análise literária haverá um diálogo com Fernanda Gallo (2018), José Luís Cabaço (2009), Lorenzo Macagno (2009), Nazir Can (2020), Rita Chaves (2005) e entre outros pesquisadores do campo das literaturas africanas em consonância com as Ciências Sociais, que buscam uma análise apurada entre o romance contemporâneo de Borges Coelho e a história de Moçambique.

2. LITERATURA E HISTÓRIA NO ROMANCE *CRÔNICA DA RUA 513.2* (2020) DE JOÃO PAULO BORGES COELHO:

As literaturas dos países africanos de Língua Portuguesa apresentam uma complexa fonte de pesquisa entre os caminhos da literatura e da história do país, uma vez que muitos escritores inserem suas experiências dos anos ascendentes das revoluções (lutas anticoloniais, lutas de independência e a guerra civil, por exemplo) nas suas artes literárias. Apresentando obras literárias com fontes cruciais de análise

crítica sobre a construção do país no período do colonialismo (fins do século XIX até 1975)³, lutas de libertação nacionalista (1961-1975) e a guerra civil (1976-1992).

No período colonial, Moçambique esteve submerso em uma política ideológica opressora, cujo objetivo estava pautado no apagamento da cultura moçambicana, como também na assimilação de uma cultura europeia. Foi um período marcado pela exploração das riquezas moçambicanas (na sua totalidade), dominação política e econômica.

Manuel Ferreira (1980) salienta que o colonialismo além de ser considerado a negação da cultura do outro é também uma forma de:

repressão individual, da exploração econômica, da negação do sentimento e da consciência nacionais. (...) O colonialismo, de caso pensando e por força do seu sistema interno, despersonaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem que ele forma do seu universo singular, coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito de história. (FERREIRA, 1980, p. 02)

Com a ideologia de negar o colonialismo no seio moçambicano, urge, portanto, as lutas de independência, que foi uma revolução civil armada que deslegitimava toda a forma de pensamento e as atitudes colonialistas. Neste momento todos os combatentes tinham o ideal utópico de libertar a nação da opressão.

Cabaço (2009) descreve que:

A prática da luta armada implicava um profundo envolvimento com os camponeses, uma íntima relação com o pensamento nacionalista com a vida do povo, a consolidação da consciência de sua miséria, mas também de sua criatividade e suas capacidades de sobrevivência perante situações tão difíceis. (CABAÇO, 2009, p. 420)

Em consonância com o pensamento de Cabaço, Borges Coelho (2015), ao argumentar sobre as questões políticas do passado moçambicano, aponta que a prática da luta nacionalista implicou um pensamento revolucionário e um ideal de futuro independente ideologicamente, politicamente e social:

³ Conforme Luís Thiago Freire Dantas (2015) ao descrever que o colonialismo: "(...) possui um aspecto de controle da autoridade política, do trabalho e da autoridade de uma população." (DANTAS, 2015, p. 43)

Em suma, a luta de libertação era uma ideia do passado que veio a formar o núcleo e a substância do processo de construção da nação, e a determinar o desenvolvimento político nos quinze anos que se seguiram à declaração da independência, em 1975. Foi em torno da luta de libertação que a memória política se estruturou. (COELHO, 2015, p. 04)

Com o passar dos festejos da independência, todos com o ideal socialista, surge a Guerra Civil (1976-1992). Um momento em que alguns ex-combatentes quebram o pacto utópico de uma nação socialista, para erguer uma bandeira individualista, voltado para a disputa interna por terras e a tomada de poder.

Conforme descreve Lorenzo Macagno (2009):

No início dos anos de 1980, Moçambique encontrava-se numa guerra civil que parecia interminável. Foi quando Samora Machel lançou sua primeira ofensiva política e organizacional para derrotar, definitivamente, o “inimigo interno” e acabar com a corrupção nos locais de trabalho. (MACAGNO, 2009, p. 27)

Estes momentos estão datados na memória de Moçambique como os anos da revolução. Nesse sentido, muitos escritores abordam no universo literário esses espaços como enredos sobre a memória da luta e resistência em Moçambique. Em que se pode observar literatura e história como dois caminhos que se entrecruzam.

Ungulani Ba Ka Khosa, na epígrafe do romance *Ualalapi* (1990), utiliza das palavras de Agustina Bessa Luís para descrever que: “A história é uma ficção controlada” (epígrafe). Rita Chaves (2009) ao lançar uma indagação ao escritor João Paulo Borges Coelho sobre uma estreita relação entre os caminhos da ficção com a história (historiografia)⁴. O escritor argumenta que ambas podem “sem dúvida, se complementem no sentido em que nenhuma pode dar conta sozinha desse tão fundamental empreendimento” (CHAVES, 2009, p. 155).

Nessa interconexão, pode-se perceber que João Paulo Borges Coelho (2020) no seu fazer literário apresenta esse palco de reflexões sobre a história de luta e

⁴ Emanuelle dos Santos (2021) ao analisar o romance *Rainhas da Noite* (2017), observa que as obras literárias de Borges Coelho apresentam um diálogo entre Literatura e historiografia. Justamente pelo fato do autor inserir em seu trabalho literário aspectos do espaço geográfico, social e histórico.

resistência moçambicana pela via do universo literário moçambicano, como a exemplo de *C. da R. 513.2* (2020). Uma narrativa que se passa em Maputo, capital de Moçambique, com um narrador posicionando-se em terceira pessoa, atento à situação e as personagens dentro do espaço romanesco. E pelo viés literário apresenta “um espaço capaz de reler algumas das contradições da história recente do país” (CAN, 2020, p. 64).

Conforme descreve o estudioso Nazir Ahmed Can (2012) ao analisar o romance em questão:

CR513. 2 reconstrói aquele período com a distância suficiente para se demarcar da euforia e incidir na contradição que qualquer temporalidade transitória alberga. Partindo do elogio de Musil ao homem sem qualidades, incluída em epígrafe, esta obra relata a forma como uma rua quotidiana – simples e complexa – vive os tempos heroicos – belos e amargos – da passeata revolucionária. Mais do que uma leitura historiográfica (via que o escritor, que é também historiador, evita), *CR513 .2* constitui um exercício poético sobre o lugar onde a memória trabalha, nas suas mais diversificadas facetas. (CAN, 2012, p. 202)

Ademais, *C. da R. 513.2* (2020), além de ser um romance que busca uma reflexão sobre o espaço social de Moçambique durante o “(...) período da transição para a independência” (CAN, 2020, p. 62), tece uma narrativa que apresenta personagens que estão envolvidos em uma conjuração sobre a construção histórica de Moçambique.

O próprio espaço do romance em questão apresenta reflexões sobre a construção histórica da nação moçambicana, uma vez que conforme descreve Nazir Can (2020) ao analisar a forma como a cidade Maputo é recriada no romance nacional contemporâneo observa o espaço geográfico (a rua 513.2, por exemplo) como um lugar estratégico para recontar a história dos anos da revolução e os rumos políticos que se seguiram, uma vez que os nomes das ruas, avenidas e lugares são simbólicos:

Se seguirmos a sugestão do narrador (a de não “desprezar a aritmética”) e dividirmos 513 por 2, teremos o seguinte resultado: 256.2. Ou, inclusive, uma data escondida, 25-06-75, dia da independência do país. Já no título do romance, portanto, se exercitam as estratégias fundamentais da obra: comunicação simbólica das coordenadas da existência (espaço e tempo). (CAN, 2020, p. 63).

Fernanda Gallo (2018), ao analisar o projeto literário de Borges Coelho (2020), descreve que o romance em pauta levanta questionamento sobre a história oficial pós-independente de Moçambique, descrevendo que a história não é tecida somente pelo ex-combatentes heroicos, mas também a população, os chamados “indivíduos comuns” (CAN, 2012, p. 202):

(...) trata-se de uma rua cujo microcosmo de virtudes e defeitos indica que a história moçambicana pós-independência e plural, como toda história deve ser, e, assim sendo, não pode ser resumida a uma grande fábula, na qual só tem lugar os considerados heróis da libertação. (GALLO, 2018, p. 147)

3. PASSADO E PRESENTE SE ENTRECruzAM NA *CRÔNICA DA RUA 513.2*:

Borges Coelho (2020) apresenta uma complexidade narrativa no romance em questão, uma vez o cenário no tempo da narrativa apresenta Maputo com um paradoxo direcionado para um ambiente privilegiado, mas o outro lado esquecido, deixado de lado. Moradores, com suas particularidades, mas que apresentam uma versão da história contada.

Além disto, o leitor é orientado por um narrador-observador, que no início da narrativa se mostra imparcial, mas que no decorrer se configura na pluralidade. Ana Beatriz Matte Braun (2011) afirma que o narrador é: “[...] é dual no sentido de representar a ambos colonizadores e colonizados. Em inúmeros momentos, parece colocar-se ao lado da coletividade colonizada, e por outro, identifica-se com a cultura portuguesa.” (BRAUN, 2011, p. 97).

Crônica da rua 513.2 se assemelha como uma intervenção artística produzida em “retalhos”, tendo em vista que cada personagem tece uma versão sobre a história de Moçambique. Com isso, tanto as personagens que estão no plano dos vivos, como as dos mortos, se mostram significativas para o desenrolar romanesco. Os diálogos entre os civis com os tinguluvi apresentam uma comunicação entre o presente e o passado: a marca colonialismo que se entrecruza no tempo revolucionário.

Braun (2011) descreve que: “a rua 513.2, com seu nome aritmético, representaria Moçambique urbano em uma microescala, pela diversidade étnica, racial, social e cultural de seus habitantes” (BRAUN, 2011, p. 100).

Nesse sentido, existe uma multiplicidade de significação literária sobre a construção política, social e ideológica de Moçambique, uma vez que o espaço, o tempo e as próprias personagens, sejam os vivos, como “os fantasmas do passado”

(CAN, 2012, p. 12), apresentam uma metonímia na *C. da R. 513.2* (2020). Como a exemplo das personagens, que estão no plano dos vivos: o secretário do partido, vigilante da Rua 513.2 e morador da casa de número 08, Filimone Tembe, juntamente com a sua esposa Elisa Tembe, a chefe da cooperativa de Costureiras. Personagens que caracterizam o tempo colonial pairando no novo mundo, o tempo da revolução nacionalista.

Fernanda Gallo (2018) salienta que:

O elo com a recente ordem colonial é representado de forma divertida e literalmente fantasmagórica, já que alguns dos antigos moradores da rua, como o ranzinza Inspetor Monteiro, da PIDE, volta para a casa 8 (e para sua poltrona de autoridade) a fim de provocar a nova autoridade nacional que para ali havia se mudado, Filimone Tembe, o secretário do partido e novo morador do número 8. (GALLO, 2018, p. 140)

Em continuidade, Zeca Ferraz, um mecânico obcecado por um caderno de capas negras deixado por um antigo morador branco da casa de número 11, mesmo local onde convivi com sua esposa Dona Guilhermina Ferraz. Essa personagem apresentava uma ideologia individualista, isto é, uma cultura de “trabalho e organização- que ele aprendeu no tempo de Salazar” (GALLO, 2018, p. 37) e uma descrença da ideia de coletivismo:

Quando a Independência se avizinhava, e com ela a mania colectivista, Zeca Ferraz compreendeu que não era altura de ter dinheiro até porque não havia onde guardá-lo: em casa era arriscado; fora, não havia instituição imune à crise que abalava os fundamentos da ordem velha. Assim, resolveu comprar a casa ao senhor Marques convicto que o coletivismo não era eterno e chegaria o dia em que as separações e as definições voltariam a verificar-se da mesma maneira de sempre (COELHO, 2020, p. 37).

Teles Nhamtumbo, e sua esposa, a professora do ensino infantil Alice Nhamtumbo, moradores da casa 04, são caracterizados como personagens que negaram a ideia de um trabalho coletivo, uma proposta criada com o intuito de mostrar um novo mundo pós-colonial (como a professora Alice), como também civis que aproveitaram a situação do país para faturar no mercado de pesca (como o funcionário do Banco: Teles).

Basílio Costa, um personagem branco que escolheu viver em Moçambique e morador da casa 05. Alberto Pedrosa, morador da casa 02 e diretor provisório da

antiga Companhia Colonial dos Cintrinos, como também *Monhé* Valgy, morador da casa 03 e dono de uma loja, que a partir da crise econômica presenciou seu negócio em declínio.

Civis comuns, mas que apresentam particularidades na sua trajetória dentro da narrativa. Como a exemplo de homens motivados pelo poder (Alberto Pedrosa), indivíduos presos no tempo colonial, mas que apenas querem sobreviver o novo tempo (Valgy) ou personagens que aderiram o trabalho coletivo.

Conforme informa Gallo (2018):

através dos vizinhos Alberto Pedrosa, Valgy, Basílio Costa e Teles Nhantumbo o autor Borges Coelho escancara, e de certa forma humaniza, as problemáticas do pós-independência, indicando se tratar de uma nova ordem feita também por homens desejosos de conforto e riqueza, como no caso de Pedrosa, suscetíveis a trocas de favores, como na relação entre Costa e Nhantumbo, ou apenas indivíduos tentando sobreviver, como no caso de Valgy. (GALLO, 2018, p.142)

Outros personagens como funcionário Josefate Mbeve, secretário da fábrica de cervejas e que, aos domingos, exercitava seu dom de saxofonista e sua esposa Antonieta Mbeve e seus filhos, moradores da casa 06. E o Tito Nharregula, trabalhador de Valgy, e sua esposa Judite Nharregula, vendedora de *bagias*, e seus dois filhos moradores da cedida casa 08. Mesmo local em que o médico Doutor Pestana morava (e que antes de sair sabotou o espaço).

Nazir Can (2012) ao analisar minuciosamente o romance postula que as personagens que estão no plano dos vivos:

A fabricação ideológica ganha corpo com a preocupação dos novos tempos em apostilar a designação do nome próprio, da empresa e dos espaços. Para subvertê-la, JPBC cria diversas personagens cujos nomes (Josefate, Basílio, Valgy, Tito, Judite, Filimone, Santiago, etc.) anunciam um programa narrativo que se apropriará do texto bíblico – precisamente um dos grandes inimigos da Revolução marxista-leninista. Já os sobrenomes, moçambicanos e recordando figuras ligadas às instituições do país (Tembe, Nharreluga, Muianga, etc.), instauram uma primeira duplicidade na vida destas personagens. De fato, a contaminação intertextual promovida nesta obra repleta de seres incompletos satiriza dois tipos de modelo de perfeição: o bíblico, saído do passado, e o revolucionário, virado para o futuro. (CAN, 2012, p. 204)

Além das personagens presentes no tempo da narrativa, existiam as personagens *tinguluvi*, isto é, “(...) o morto cuja voz se manifesta no seio da família ou

comunidade a que pertenceu, usualmente com o propósito de se vingar” (COELHO, 2020, p. 313). Esses fantasmas, categorizados como a presença do tempo colonial, estão presentes e participando de decisões juntamente com as personagens vivas: Inspector Monteiro da antiga Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), presente na casa de número 08, mesmo local onde residia Filimone e Elisa Tembe; Arminda de Souza, prostituta branca do tempo colonial, residia na casa 06 juntamente com Antonieta e Josefate Mbeve e o mercânico Marques, companheiro e cúmplice do mecânico Ferraz.

Braun (2011) descreve que a presença das personagens do tempo colonial emergidas no tempo da independência: “A presença dos fantasmas na narrativa não é determinante para o desenrolar dos acontecimentos, servindo mais como uma materialização espectral da memória e imaginário colonial ainda fortemente presente na consciência das personagens moçambicanas.” (BRAUN, 2011, p. 103).

Can (2012) caracteriza as personagens do plano dos mortos como:

(...) a ausência de controle direto das autoridades nas ações empresariais (Pedrosa, Valgy, Josefate), na idolatria às referências estrangeiras (Josefate e os seus heróis do blues americano), na curiosidade por histórias antigas e silenciadas (Ferraz), nas práticas relacionadas com a igreja (Guilhermina e Elisa), no temor pelas forças do “além”, num momento histórico em que se propaga o materialismo revolucionário (Filimone e Elisa), as ações destes inquilinos constituem formas ativas e emblemáticas de dissidência ao pensamento único. (CA, 2012, p. 204)

A partir deste ponto de discussão, identifica-se que cada personagem dentro do espaço romanesco pode ser considerada uma metonímia dos acontecimentos históricos da revolução moçambicana, Borges Coelho (2020) não elegeu um personagem como heroico, mas sim a partir de vozes e o percurso das personagens cidadãos que vivenciaram os momentos bélicos de Moçambique no tempo da narrativa.

Tal como expressa Braun (2011) quando observa o espaço social do romance de Borges Coelho: “apresentar versões de histórias de indivíduos que viveram um momento conturbado da história de Moçambique.” (BRAUN, 2011, p. 137).

4. TITO NHARREGULA E A AMBIVALÊNCIA ENTRE O “TER” E O “QUERER”:

Dentre os vários personagens na trama romanesca de João Paulo Borges Coelho (2020) o que se torna mais evidente para este tópico de análise é a *performance* de Tito Nharregula. Um trabalhador, pai de dois filhos e esposo da Judite, a vendedora independente de *Bagias*, na rua 513.2. Esta personagem, inicialmente, se configura como um cidadão preso em um passado traumático, mas que se mantém no presente resiliente e destemido.

Essa personagem tem uma atenção especial nos capítulos “08. Uma pequena fogueira”, “09. Os cheiros e as cores”, “10. O comício”, “16. Lojas vazias” e “20. A grande viagem de Tito Nharregula” do romance em questão. Em *Uma pequena fogueira*, Tito ver-se alocado juntamente com sua família (a esposa, Judite e os filhos, chamados de Maninho e Cindinha) em uma casa cedida (número 07) pelo Doutor Pestana (antigo morador).

Doutor Pestana, antes de se mudar da casa 07 para uma vizinha, sabotou-a para o próximo morador, deixando a casa sem luz, desfigurada, sem a beleza e a organização de como estava quando residia com a sua esposa Dona Aurora. Conforme descreve Dona Aurora quando dialoga com Doutor Pestana: “Ali onde eu tinha as roseiras já só se vê capim e terra nua! Ao menos as buganvílias dos Costas estão viçosas. -Sim diz Pestana, recordando um onírico passado em que atravessava noites encarcerado numa prisão de buganvílias” (COELHO, 2020, p. 106).

Neste capítulo, o narrador evidencia uma narrativa temporal entre o passado e o presente da personagem em questão, uma vez que Nharregula, antes mesmo de conhecer Judite em Maputo e consecutivamente Judite ensiná-lo a realidade sobre a capital, descrevendo que Tito “rural e ingênuo, vinha à procura de se perder em Lourenço Marques” (COELHO, 2020, p. 109), apresentava um passado que se revigorava no presente a partir da fala da mãe da personagem: “Tito, vai buscar a lenha!, disse-lhe a mãe desde que ele andar e a entender” (COELHO, 2020, p. 105).

Essas ações expressam a condição social dos Nharregula, mostrando uma personificação da miséria da família no período da efervescência dos rumos das lutas de independência em Moçambique: “caminhou para a cidade grande na mesma altura em que a Independência caminha também para o Sul” (COELHO, 2020, p. 109). Mesma realidade traumática que presenciava no passado quando residia com seus pais. O que torna, portanto, uma condição a qual a personagem não pretenderia retroceder.

Conforme o narrador apresenta o passado de Nharregula: “Quando deixou a casa dos pais, a caminho da cidade, achou que além de se libertar do resto também se libertava dessa frase, daquela maldita fogueira -talvez tenha sido mesmo essa razão da urgência em partir”. (COELHO, 2020, p. 105).

Nesse sentido, através do capítulo “08. Uma pequena fogueira” e o “10. O comício”, ver-se uma personagem frustrada com o passado e tentando iniciar o presente, distanciando das dificuldades presenciadas anteriormente. Assim, Tito Nharregula caracteriza todo o povo que tentaram fugir da miséria imposta nas suas regiões como “gente que tenta apenas sobreviver” (COELHO, 2020, p. 147) em um sistema ideológico, político e social no período mais conturbado que Moçambique vivenciou, que foi o período colonial e pós-colonial.

Fernanda Gallo (2018) ao analisar as personagens do romance de Borges Coelho, observa Nharregula como um que “[...] foram consumidos pela distância entre si e seus projetos” (GALLO, 2018, p. 144). Justamente pelo fato da falta de oportunidades presentes no período colonial (passado) e o período da independência de Moçambique, tal como a personagem Judite Nharregula que sonhava em crescer no negócio das vendas de Bagias na rua 513.2: “Mas o ter e o querer continuavam dois estados inimigos, distantes um do outro” (COELHO, 2020, p. 109).

Ao passo que Tito Nharregula e sua família presenciava as ações do passado em uma roupagem pós-colonial, os capítulos *Os cheiros e as cores* e *Lojas vazias*, apresenta essa personagem em um emprego temporário na loja do Valgy. Um ambiente que é repleto de vários cheiros: “Da loja de Valgy soltava-se sempre um aroma indefinido e amplo, resultado da soma dos cheiros frescos e francos da fruta com os cheiros cultos e construídos dos condimentos, sobre uma discreta sugestão de cheiro dos panos.” (COELHO, 2020, p. 127).

Por outro lado, a personagem nomeada por Titosse, pelo *monhé* Valgy, ver-se frustrada novamente quando percebe que a loja de Valgy entra em declínio, a crise econômica, pois com os rumos da luta de independência, as embarcações com os produtos internacionais atrasaram impedindo de chegar ao destino:

Mas era falar por falar. Valgy sabia que não era assim, que era apenas o circuito de importação enrodilhando-se, os barcos custando a atrancar, os comboios custando a partir lá de onde vinham, a República fechando as portas, ensimesmando-se. Tentava fugir à verdade por não ter como encará-la. (COELHO, 2020, p. 209)

A partir deste viés, a personagem em questão se configura na ambivalência entre o “ter” e o “querer” (*idem*, p. 109). Um paradoxo presente arduamente na vida da personagem, pois ao passo que a personagem em questão acreditava “ter” nas mãos a ação que mudaria totalmente a sua condição é o momento que esta ação entra em declínio (como a exemplo da quebra das vendas na loja de Valgy). Ficando apenas no plano dos desejos (na idealização), no “querer” conseguir alcançar os ideais. Entretanto, a condição social não permite a realização.

Tal como aponta o narrador do romance em pauta: “(...) Que a distância entre o querer e o ter começou a crescer de tal forma que hoje são estados que já não se reconhecem.” (COELHO, 2020, p. 109)

Chegando ao *Comício* (capítulo seguinte), o momento mais aguardado por todos, a passeata da maior autoridade do sistema político e social moçambicano, o cotejo de Samora Machel. O ex-combatente que contribuiu na luta nacionalista, a fim de erguer a bandeira da independência de Moçambique. Essa personagem, conceituada como “camarada” (COELHO, 2020, p. 109), apresenta uma instauração ideológica pós-revolução que tratava-se do socialismo, isto é, a ideologia do coletivismo entre os civis. Todos unidos com o objetivo de impor a democracia e o trabalho unitário.

Tal como reforçar Gallo (2018):

A experiência da coletividade como ato político e a vigilância contra os possíveis divisionistas regionais e étnicos influenciaram o programa político e social do pós-independência centrado na unidade territorial e mesmo na unidade linguística, já que o português foi adotado como língua oficial da nova nação. (GALLO, 2018, p. 139)

No entanto, a ideia do coletivismo, apresenta um tratado político revolucionário e necessário para o período pós-independente. No entanto, os integrantes políticos da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) não imaginaram na ideia da pluralidade populacional moçambicana, cada cidadão apresentava seu ideal político e social. Gallo (2018) argumenta que: “Rovuma à Maputo, é algo claramente heterogêneo e não indivisível como pretendia o primeiro presidente moçambicano Samora Machel.” (GALLO, 2018, p. 138).

Assim, a personagem Tito Nharregula, presencia a chegada do presidente Samora passando compassadamente civil por civil, casa por casa e condomínio por condomínio. Nesse momento, a personagem é vista como “indivíduos comuns” (CAN,

2012, p. 202), um simples morador silenciado, posto no lugar do esquecimento, que toma um espaço na rua 513.2:

Adiante.

-Bom dia Camarada... Como é mesmo seu nome, que os meus não anotaram?

Nharreluga devolve-lhe um olhar perdido do meio dos escombros do Doutor Pestana, dirigido às vistosas fardas dos homens dos presidentes. Quase que disse, 'Não sou de cá, cheguei aqui ao engano pensando que era outra coisa. Tenho ambições muito antigas mas um emprego que ainda é provisório, moro numa casa também ela é provisória. Por mim, voltava para casa da minha mãe afim de lhe acender uma fogueira que ela tem muito exigente, de lhes pescar os xaréus a que é muito apegada. Mas é que já tenho uma família, uma família só minha, e custa-me muito deixa-los. Nem sequer sei se gostam de bagias de Maputo lá na terra de onde venho, caso em que, levando a minha Judite, me decidiria. Foi isso que quase disse, mas demora a responder, a cozinhar esta resposta, e é Judite que se apresta, mais hábil nos cozinhados, mais lesta no mundo real:

-o nome é Tito Nharregula, excelências, e Judite sou eu mesma, mãe destas duas crianças, cozinheira de Bagias. (COELHO, 2020, p. 142)

Nota-se que a cada capítulo, a narrativa ganha novos relevos, novas versões sobre a história de Moçambique a partir da narrativa dos residentes da rua 513.2. O mesmo acontece com a personagem em análise, tendo em vista que é perceptível as oscilações durante a sua trajetória no tempo da narrativa, sempre estagnado, ou no meio termo, entre o “ter” e o “querer”. As condições do cotidiano tornam-se as realizações de Tito apenas em sonhos e, *a posteriore*, frustrações por não chegar ao desejado.

Assim, em *A grande viagem*, Tito Nharregula quando se ver sem vínculo empregatício para sustentar sua família assume uma *persona* que a sociedade impugna e começa a furtar, uma alternativa que caberia para sustentar seus filhos e a esposa. Até o momento em que é capturado e enviado para os campos de reeducação a fim de realizar o apagamento dos ideais do homem-velho, ou seja, o desmonte das marcas do colonialismo, para erguer o homem-novo com uma nova “identidade moçambicana” (CABAÇO, 2009, p. 413).

Conforme descreve o narrador do romance de Borges Coelho (2020):

Ninguém lhe perguntou se roubara (e ele se apressaria a mostrar os bolsos desta vez vazios). Mandaram, antes com gestos bruscos, que

subisse para um caminhão cheio de Nharregulas como ele, rurais invasores silenciosos da cidade, de olhos brilhantes e fixos como pequeninos espelhos que, se não refletiam inocência tampouco pareciam perceber alguma culpa. (COELHO, 2020, p. 263)

Através do fim trágico de Tito Nharregula durante o percurso para os campos de reeducação e o renascer na forma de *nguluví*, pode-se perceber que a independência se mostrou necessária para Moçambique tornar-se independente e deslegitimar a cultura do colonialismo. No entanto, após a revolução de 75, ainda havia uma ferida presente na sociedade, a herança colonial, tendo em vista que “Durante a guerra de independência, portanto, dois principais inimigos foram identificados: o colonialismo e o tribalismo.” (GALLO, 2018, p. 139).

Essa herança colonial, repaginava através de neocolonialismo no período da guerra civil (que é informada a partir da metáfora da grande tempestade), que se mostrava através da miséria de uns e os desvios de dinheiro de outros. Contextualizando o romance como o caso de Tito Nharregula e aqueles que enriquecem através de desvios e vendas ilegais, como o caso do oportunista Alberto Pedrosa e funcionário do banco Teles Nhamtumbo.

Nesse interstício, nota-se que a personagem em questão pode ser caracterizada como a herança colonial deixada para o período após a revolução de 1975, como também a quebra de expectativa no ideal da utopia socialista, isto é, uma ideologia de governo direcionada para uma “nova ordem de coletivismo” (GALLO, 2018, p. 144), uma utopia socialista de união nacional africana.

Como pode ser observado no discurso do narrador em C. da R. 513.2 (2020):

Mastigando e conversando, Filimone foi sabendo das dificuldades por que passavam os Nharrelugas, sem casa onde morar, habitando provisoriamente um pouco por toda a parte. E concluiu que eram família boa, pronta a colaborar só que não tendo ainda conseguido libertar-se das dificuldades que o passado colonial lhe trouxera. (COELHO, 2020, p. 110).

Portanto a história é tecida por cidadãos nas mais variadas formas e contextos que residem a rua 513.2. Não existe um personagem principal, mas a partir de retalhos, memórias, vozes de cada personagem é recontada os lados, as versões, da história principalmente por aqueles que estavam presentes nos anos revolucionários, mas que a fábula, como descreve Borges Coelho no artigo “Abrir a fábula: Questões

da política do passado em Moçambique” (2015), não cita-os. Deixando-os apenas no lugar do esquecimento, a classe silenciada que não pôde contar a sua versão da história política e social de Moçambique.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em conclusão, nota-se a grande importância da prática literária no campo social. Como visto no romance contemporâneo de João Paulo Borges Coelho (2015), a prática literária não é vista apenas como uma arte de fruição, mas sim como objeto de conhecimento do outro, um espaço de reflexões sobre a construção da sociedade.

Uma ferramenta sociológica e artística na qual o leitor possa imaginar os anos ascendentes da narrativa e conviver com as personagens todas as utopias, incertezas, frustrações e a resiliência. Como visto no romance *Crônica da rua 513.2* (2020) durante o período da narrativa presenciou-se sob orientação do narrador uma rua com moradores cheio de mistérios e que carregam uma inquietação do passado, que incomoda as decisões para o futuro.

Como a exemplo de Tito Nharregula, uma personagem que luta contra todas as dificuldades presentes na sociedade a fim de conseguir e deslegitimar a miséria, que trata-se de um estado a qual presencia desde sua infância. Feita a análise da personagem interpreta-se como uma caracterização dos civis que lutaram e sonharam por uma vida mais digna (imaginando um futuro libertador), mas que presencia e convivi as frustrações desse passado no período pós-colonial.

Assim, pode-se perceber a personagem em questão como uma caracterização da herança das práticas colonialistas (neocolonialismo), atividades econômicas exacerbadas, sonegação de impostos e desvios de verbas. Conforme descreve a historiadora Ana Mônica Henrique Lopes (2011): “O neo, portanto, traduz o status político do Estado “explorado” e ao mesmo tempo distingue através das ações das “novas metrópoles” o lugar dos novos-colonizadores promovendo uma ruptura entre o passado e o presente” (LOPES, 2011, p. 14).

Neste campo literário, Borges Coelho (2020) apresenta um paradoxo entre presente e passado; mortos e vivos; história dos ex-combatentes e histórias dos civis, o leitor é orientado em uma dinâmica narrativa do recurso da memória para narrar a história do outro e tecer um mapeamento sobre os moradores e a rua 513.2. Braun

(2011) mostra que um dos recursos utilizados é a memória, transformando o passado “no produto de uma elaboração discursiva feita a partir de um momento presente” (p. 97).

Doravante o romance em questão mostra uma narrativa que pode ser caracterizada como uma metonímia da construção histórica de Moçambique. Além disto, a narrativa apresenta uma mensagem que a versão histórica sobre os anos de combate moçambicano pode ser também contada pelos civis que presenciaram, conviveram e sofreram os efeitos da corrupção, mas que também sorriram e sonharam com o desmonte do colonialismo nas lutas de libertação. Nesse sentido, o escritor moçambicano, na dinâmica das literaturas africanas de língua portuguesa, concede a voz ao outro, isto é, todos aqueles que estiveram, no lugar do esquecimento, silenciados na história política e social de Moçambique.

Como mostra os ensinamentos presentes no momento trágico de Tito Nharregula, tendo em vista que um lado da história conta a sua morte e o outro descreve o seu renascer: “Tito Nharregula morreu!”, diz a primeira versão. ‘Tito Nharregula renasceu!’, responde a segunda” (COELHO, 2020, p. 272).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRAUN, Ana Beatriz Matte. Ruas numeradas, fantasmas portugueses, cidadãos moçambicanos - a narrativa na crónica da rua 513.2. **Estação Literária**, Londrina, Vagão, v. 8, p. 96-105, 2011.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: o Lugar das diferenças nas identidades em Processo**. Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê Editorial: 2005, p. 247-261.

CHAVES, Rita. **Entrevista com João Paulo Borges Coelho**. Via Atlântica, nº 16, dez/2009.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo, Editora UNESP, 2009

CAN, Nazir Ahmed. Os fantasmas da revolução em crónica da rua 513.2, de João Paulo Borges Coelho. **Via Atlântica**, n. 21, p. 201-205, 2012.

CAN, Nazir Ahmed. **Campo literário Moçambicano**: Tradução do espaço e formas de insílio. São Paulo: Kapulana, 2020.

COELHO, João Paulo Borges. **Crônica da Rua 513.2**. Maputo: Ndjira, 2006. / São Paulo: Editora Kapulana, 2020.

COELHO, João Paulo Borges. Abrir a fábula: Questões da política do passado em Moçambique. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 106, 2015.

GALLO, Fernanda. A intestina batalha socialista moçambicana através de Crônica da Rua 513.2, de João Paulo Borges Coelho. **ABRIL revista do NEPA/UFF (Niterói)**, v. 10, 2018, p. 135-150.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. **Ualalapi**. Lisboa: Caminho, 1990 [1987].

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas nas literaturas africanas**. Edições Colibri - 1.^a edição, 1998, p. 11-36.

LOPES, Ana Mônica. Neocolonialismo em África. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. Ano IV, nº 08, Dezembro\2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/viewFile/88804/91687> Acesso em: 20\12\2020

MACAGNO, Lorenzo. Fragmentos de uma imaginação Nacional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24 nº 70, junho/2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). A matriz africana presente no mundo. In: OLIVEIRA, Francisco Romão de. **África ontem e hoje**: uma perspectiva angolana. São Paulo: Selo Negro, 2008.

SANTOS, Emanuelle dos. Por uma estética Mundial-Literária da memória pós-colonial: Rainhas da Noite, de João Paulo Borges Coelho. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 40, p. 333-363, nov. 2021.

SARAIVA, Sueli. **Boaventura Cardoso, Mia Couto e a experiência do tempo no romance africano**. São Paulo: Terceira Margem, 2012.